

Diagnóstico de uma Comunidade Rural no Estado do Amazonas, Brasil*

Mota, A.M. da¹; Costa, J.R. da² & Campos, M.A.A.³

Estudos sobre as alternativas para a exploração da terra precisam ser desenvolvidos com a participação do produtor. A utilização de uma metodologia participativa, onde o pesquisador considera o interesse do produtor e seu conhecimento empírico, aumenta a possibilidade de criação de tecnologias centralizadas na realidade rural. Neste trabalho, foram realizados o pré-diagnóstico e diagnóstico de uma comunidade rural com os objetivos de conhecer os problemas que a afetam, com ênfase à proposta de instalação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) e identificar pequenos produtores interessados em desenvolver esta tecnologia.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está localizada no Lago do Acajatuba, margem esquerda do Rio Negro, município de Iranduba, Estado do Amazonas, em ecossistema de terra firme. Esta comunidade abrange a Vila de Acajatuba e os igarapés limites com a Comunidade de São Francisco do Bujaru e Nossa Senhora de Fátima.

Inicialmente realizou-se um pré-diagnóstico para familiarizar os técnicos com a área de estudo e obter-se uma visão geral da organização e funcionamento da comunidade. Foram realizadas entrevistas informais com um número reduzido de pessoas, tendo como roteiro uma lista de tópicos previamente elaborada (Van Leewen, não publicado). Para a realização do diagnóstico, preparou-se um questionário formal, através do qual a equipe investigou as características da comunidade, como: atividades econômicas, problemas cruciais e suas causas (políticas, econômicas, naturais), necessidades e expectativas. Os técnicos memorizavam as perguntas e, no final do dia, procuravam anotar as informações. Quando a equipe conquistou a confiança dos moradores, começou-se a utilizar o questionário no momento da entrevista, o que agilizou o trabalho. Primeiramente, foram entrevistados informantes-chaves, como: Moradores mais antigos, líderes da comunidade e comerciantes. Após, todas as famílias foram entrevistadas. Os entrevistadores procuraram utilizar uma linguagem simples que pudesse ser compreendida pelo entrevistado. Evitou-se, ao máximo, a indução das respostas, que poderia comprometer o trabalho com as idéias pré-concebidas do técnico. Outra preocupação da equipe foi envolver as mulheres nas entrevistas, pois elas possuem percepções diferentes e podem saber e interessar-se por outros assuntos aos quais os homens não dão a mesma importância. Foram feitas visitas aos estabelecimentos agrícolas mais próximos, com os objetivos de conhecer os problemas específicos de cada propriedade, histórico e intensidade de uso, potenciais e necessidades, além de levantar informações sobre a família do produtor. A equipe promoveu uma reunião final com os produtores para discutir e apresentar todas as informações obtidas.

Há 33 famílias na comunidade estudada e foram identificados 7 produtores interessados na instalação de sistemas agroflorestais. As duas principais atividades econômicas desenvolvidas pela comunidade são a agricultura e a exploração madeireira. Do total de famílias residentes, 58% tem como principal fonte de subsistência a agricultura. A maior parte dos terrenos (87%) está localizada em terras devolutas dentro de limites não regularizados da comunidade. Existem famílias que praticam agricultura de corte e queima na mesma área há 26 anos, utilizando o sistema de pousio. Para a maioria, porém, o tempo de pousio é curto, com, no máximo, três anos. Os produtores, costumam, portanto, procurar novas áreas da floresta primária para instalar suas roças. Em roçados com no máximo, 1 hectare, cultivam mandioca (*Manihot esculenta*), principal fonte de alimentação, banana (*Musa spp*), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) e abacaxi (*Ananas sp*). Os produtores costumam manter dois roçados, um mais antigo que já apresenta queda na produtividade e outro mais recente com a finalidade de evitar a falta da farinha de mandioca. Porém, isto é inevitável, devido à falta de recursos financeiros, às áreas de plantio serem pequenas, à perda progressiva da fertilidade natural do solo e a proliferação de ervas invasoras. Vale ressaltar que o produtor conta com a mão-de-obra estritamente familiar. A preparação do terreno é feita mediante roçagem ou broca (corte da vegetação do subbosque), derruba das árvores maiores, coivara (empilhamento dos restos vegetais) e queima.

* Projeto da Igreja Presbiteriana de Manaus, apoiado pela Visão Mundial

¹ Eng. Agrônoma, MSc. Bolsista CNPq-DTI, CPAA-EMBRAPA

² Bióloga, Mestranda em Ecologia-INPA

³ Eng. Florestal, MSc. Pesquisador do INPA

Quando a área é de capoeira, não é necessária a derrubada, mantendo-se as demais fases. Os produtores costumam instalar mudas de espécies frutíferas nos roçados, porém sem tratamentos culturais e pouca diversidade. Apenas 13% das famílias plantam frutíferas ao redor da casa, sendo que o número de espécies também é reduzido e são plantadas adensadamente. Não há assistência técnica e nenhum dos produtores recebe qualquer tipo de financiamento. A produção não é comercializada porque, geralmente, é baixa. Quando há excedentes, o produtor vende ou troca a produção na própria comunidade, pois não há escoamento para a mesma, uma vez que o preço do frete dos barcos é muito alto. Também há o problema dos baixíssimos preços oferecidos pelos atravessadores, que não compensam o esforço do produtor. Foram identificados problemas com pragas e doenças, mas os produtores não utilizam defensivos químicos para seu controle. Por exemplo, observou-se nas áreas com banana a ocorrência do “moleque da bananeira” (*Cosmopolites sordidus*), que vem comprometendo a produção.

Participam da atividade madeireira 54% das famílias da Comunidade, das quais 25% vive única e exclusivamente da mesma. Dentre os 54%, 38% são madeireiros e 62% são carpinteiros, calafetadores e carregadores. A atividade madeireira é realizada de janeiro a agosto, com pico nos meses de maio a agosto. Os madeireiros retiram a madeira por encomenda, sendo que os contratantes, determinam a espécie e, geralmente, o preço. Há casos, no entanto, quando a quantidade de madeira é grande, em que os madeireiros combinam o preço, antecipadamente, entre si e dividem a empreitada. Neste setor, também há problemas com o escoamento dos produtos, o que dificulta a venda diretamente em Manaus, mercado considerado mais promissor. Outra dificuldade enfrentada, como resultado da intensa exploração, é o desaparecimento de várias espécies nas áreas próximas à comunidade, sendo necessário que o madeireiro vá cada vez mais longe para encontrá-las. A exploração inicia com a escolha e marcação das árvores de interesse, que apresentem diâmetro igual ou acima de 45 cm, à exceção da Itaúba (*Mezilaurus itauba*), muito utilizada na construção naval e civil. Nunca foram realizadas plantações de espécies florestais, pois os exploradores acreditam que as árvores regeneram naturalmente, não havendo necessidade de replantio. A metodologia empregada mostrou-se eficaz em atender os objetivos propostos e a observação pessoal dos participantes da equipe foi primordial em cada fase do diagnóstico. Os produtores da comunidade utilizam práticas ofensivas ao meio. Observou-se uma tensão entre continuar com a agricultura tradicional e buscar novas alternativas para gerar renda (madeira, turismo, agricultura “moderna” etc.). O baixo número de produtores interessados na instalação de árvores nos roçados abandonados está relacionado à necessidade de um retorno financeiro mais rápido e à idade avançada de alguns produtores, com descedência desinteressada em árvores para madeira..

A queima dos restos vegetais das derrubadas ocasiona uma rápida liberação dos nutrientes para os cultivos, sendo que uma parte destes nutrientes é perdida rapidamente por lixiviação, erosão e volatilização (Fernandes *et al.* 1994). A queima afeta também a biota do solo, contribuindo para a rápida exaustão do mesmo. Ocorre queda na produtividade e o abandono dos terrenos, de forma que os produtores procuram outras áreas, onde realizam novos desmatamentos e queimadas (Fernandes *et al.*, 1993; Van Leewen, 1994; Fearnside, 1987).

Os problemas encontrados na comunidade ocasionados, geralmente, pelo uso inadequado dos recursos naturais, podem ser combatidos com a instalação de sistemas agroflorestais. Para ser sustentável, a substituição da floresta primária deve ser feita de modo a criar um sistema de cultivo com características ecológicas mais próximas possíveis do ecossistema original (Magalhães, 1979). O uso de SAFs, sob condições experimentais, tem funcionado parcialmente, sendo mais completo à medida em que vão se conhecendo melhor as interrelações entre seus componentes. Estes sistemas podem contribuir para manter a produção do terreno estável durante o ano, diversificar a produção, amenizar os efeitos da agricultura de corte e queima, diminuir a pressão sobre a floresta primária, além de minimizar os efeitos danosos da erosão e promover uma ciclagem de nutrientes mais eficiente (Sousa, 1995; Van Leewen *et al.*, 1994 e Fernandes *et al.* 1994). De acordo com os problemas identificados, as recomendações de SAFs foram: Capoeiras melhoradas, otimização dos pomares caseiros, cercas-vivas e plantio de árvores na beira de lagos e igarapés.

As restrições tecnológicas dos pequenos produtores, além de outros fatores, contribuem para a existência de limitações na produtividade do terreno. Devido a isso, após 2 a 4 anos de cultivo, os roçados são abandonados.

Os SAFs com baixos insumos são os mais apropriados para pequenos produtores.

Os pequenos produtores interessados mostraram-se receptivos à instalação de espécies frutíferas conhecidas, porém, em se tratando das espécies florestais, a receptividade é menor.

Não há preocupação de replantio de espécies florestais, o que poderia ser parcialmente solucionado com a inclusão destas nos esquemas de plantio.

Faz-se necessário realizar uma capacitação dos pequenos produtores nesta tecnologia. Algumas delas como cerca-viva são novas, mas as demais fazem parte do conhecimento empírico do agricultor, na sua relação com a terra.

A metodologia mostrou-se eficiente para identificar problemas e possíveis recomendações agroflorestais, com base nos interesses e expectativas do produtor.

- Fearnside, P.M., 1987. Causes of deforestation in the Brazilian Amazon. In: R.E. Dickinson (ed.). *The Geophisiology of Amazonia: Vegetation and Climate Interaction*. John Wiley & Sons, 37 – 81.
- Fernandes, E.C.M.; Matos, J.C. de S.; Arco-Verde, M.F. & Ludewigs, T, 1994. Estratégias agroflorestais para redução das limitações químicas no solo para produção de fibra e alimento na Amazônia Ocidental. In: Montoya, L. J. & Medrado, N.J. S. (Eds.). *I Congresso Brasileiro sobre Sistemas Agroflorestais/ I Encontro sobre Sistemas Agroflorestais nos países do Mercosul*. Trabalhos convidados. 03-07 de julho. Vol. 1. pp. 207-224.
- Fernandes, E.C.M.; Neves, E.J. & Matos, J.C., 1993. Agroflorestas, capoeiras manejadas e plantações florestais para reabilitação de áreas desmatadas na Amazônia brasileira. In: *Proceedings of the 1st Panamerican Forestry Congress & 7th Brazilian Forestry Congress*, vol.3, 96-101.
- Leewen, J. van; Pereira, M.M.; Costa, F.C.T. & Catique, F.A., 1994. Transforming shifting cultivation fields into productive forests. *I Congresso Brasileiro sobre Sistemas Agroflorestais, Porto Velho, Rondônia*, 3-7 junho de 1994.
- Magalhães, L.M.S. 1979. Exploração florestal na Amazônia. *Acta Amazônica*, supl. , 9 (4): 141-146
- Sousa, S.G., 1995. Dinâmica de plantas invasoras em sistemas agroflorestais implantados em pastagens degradadas na Amazônia Central (Região de Manaus-Am). Dissertação de mestrado, Piracicaba, 97 p.